



ÁGORA

Encontros entre a cidade e as artes:
Explorando novas urbanidades

[PTDC/ATPGEO/3208/2014]



INOVAÇÃO URBANA, UTOPIA E ARTES. O BAIRRO DE ALVALADE EM LISBOA

Isabel André

isabelandre@campus.ul.pt

Aquilino Machado

aquilino.machado@campus.ul.pt

Teresa Barata-Salgueiro

tbs@campus.ul.pt

Universidade de Lisboa

Inovação urbana, utopia e artes. O bairro de Alvalade em Lisboa (Resumo)

A arte e os artistas têm assumido protagonismo importante na transformação das cidades quer aprofundando os seus traços distintivos, impulsionando o turismo e a regeneração urbana quer contribuindo para produzir ‘novas urbanidades’, inspirando e participando em iniciativas socialmente inovadoras. Esta dinâmica não é contudo nova. Nos anos 60 do século XX, a expressão artística teve um papel crucial na onda de protesto e de mudança que percorreu as cidades da Europa e da América do Norte. Também em Lisboa, apesar da ditadura, emergiram nesse período experiências urbanas muito inovadoras associadas, de diversos modos, ao mundo das artes. É o caso do bairro de Alvalade, focado neste texto, onde observamos uma arquitetura e um design comprometidos com a qualidade de vida urbana, bem como uma verdadeira efervescência cultural e artística muito centrada nos lugares de encontro e nos cafés em particular.

Palavras chave: novas urbanidades, artes na cidade, utopia urbana, Lisboa.

Urban innovation, utopia and arts. The neighbourhood of Alvalade in Lisbon (abstract)

Art and artists play an important role in the transformation of cities, deepening their distinctive features, increasing tourism and fostering urban regeneration as well as encouraging the production of 'new urbanities', inspiring and triggering socially innovative initiatives. This dynamic is not new however. In the 60s of the twentieth century, artistic expression had a crucial role in the wave of protest and change that ran through the cities of Europe and North America. Also in Lisbon, despite the dictatorship, quite innovative urban experiences emerged in this period related to the field of the arts.

It is the case of Alvalade neighbourhood focused on this text, where we observe an architecture and urban design really committed to the quality of urban life, as well as a

Key words: new urbanities, arts in the city, urban utopia, Lisbon.

As expedições caíram em desuso na pesquisa geográfica quer por via de perspectivas teóricas que secundarizaram o trabalho de campo quer porque o termo e a prática estavam, de algum modo, ligados ao colonialismo¹. Porém nos anos mais recentes as expedições, longínquas ou nos territórios próximos, voltaram a ganhar protagonismo na Geografia. Perderam a sua narrativa descritiva e visam sobretudo enriquecer a etapa exploratória da pesquisa, suscitando questões e colocando desafios a partir da realidade concreta e observável. O presente artigo enquadra-se num estudo mais amplo que adota precisamente esta metodologia em ‘espiral’ – colocar questões a partir dos objetivos e das ideias prévias, observar e explorar o território, reformular as questões, conceptualizá-las, definir a metodologia de análise e voltar ao território conduzindo uma leitura sistemática. É por isso que o artigo começa com um pequeno relato da expedição exploratória através de uma narrativa ficcionada².

1 Este artigo integra-se no projeto de investigação ‘ÁGORA - Encontros entre a cidade e as artes: explorando novas urbanidades’, 2016-2019 (PTDC/ATP-GEO/3208/2014), financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia. Centro de Estudos Geográficos/Instituto de Geografia e Ordenamento do Território/Universidade de Lisboa.

2

Antes da partida para uma ‘expedição’ a Alvalade, o ambiente estava animado num bar da Universidade de Lisboa! Um grupo de quatro investigadores e dois estudantes mantinha uma conversa atoadora e cruzada. João e Mariana discutiam inflamadamente apoiados, aqui e ali, pelos amigos e colegas.

‘Queres comparar? Nem penses! Em miúdo ia com o meu pai e depois com os amigos ao café Londres jogar bilhar, cá em cima, passada a maravilhosa porta giratória, cheirava a torradas e a conversa de senhoras, lá em baixo envolvia-nos uma nuvem de fumo dos cigarros que iam ardendo por todo o lado. Foram noites magníficas!’ dizia, em voz alta, o João.

‘Pois convence-te que o grande café de Alvalade e arredores era o Vá-Vá, onde eu ia, nos anos 60, com o meu avô tomar uns maravilhosos pequenos almoços e ouvir falar de filmes em rodagem, de romances em projeto e de conferências que tinham sido proibidas pela PIDE’, responde Mariana que conhecia bem a rivalidade entre Alvalade e Areeiro, tão sentida no liceu e nas saídas à noite.

Não se conseguiam acalmar, o João era um rapaz, no alto dos seus 60 anos, do Areeiro e a Mariana fazia parte do microcosmos Alvalade. Os jovens estudantes e investigadores compreendiam com dificuldade esta discussão acesa – na realidade, os dois bairros pareciam bastante semelhantes... - mas entusiasmaram-se muito mais com a expedição que íamos iniciar. Hoje em Alvalade, amanhã no Areeiro.

Saíram do edifício em direção ao Campo Grande, passaram o Jardim e entraram na avenida do Brasil. Aí chegados, Mariana tomou o comando das operações.

‘Bom, começamos por aqui, vamos fazer um percurso que nos leva ao Bairro das Estacas e que, creio, vos vai permitir observar a diversidade e a riqueza humana de Alvalade’. Passava próximo do grupo o Presidente da Junta de Freguesia que parou um minuto para nos cumprimentar. ‘Então rapaz, sempre a correr! Qual é a reunião seguinte?’, perguntou-lhe Mariana que o conhecia desde muito pequeno. ‘Vou aqui ao Centro Hospitalar para acertarmos o programa cultural do próximo semestre. Até breve!’

Progredindo pelos passeios, com alguns carros mal estacionados que atrapalhavam o tráfego, o grupo atravessou, sob o olhar desconfiado de um grupo de mulheres de etnia cigana que se aqueciam ao Sol, na Rua das Murtas.

Rapidamente estavam na entrada do Hospital Júlio de Matos. Pararam a olhar para um grande cartaz que se destacava na parede do edifício sede da Escola de Enfermagem de Lisboa, antiga morada do diretor do parque hospitalar, anunciava um espetáculo do grupo de teatro terapêutico no próximo sábado, aberto a todos os que quisessem participar.

Após um agradável percurso pelas alamedas e veredas, pelos pavilhões e pelas memórias dos jovens psiquiatras que no início do século 20 conceberam um novo hospital psiquiátrico em Lisboa, saímos novamente para a avenida do Brasil.

‘Então e agora?’ perguntou o Tiago, impaciente e talvez ‘tocado’ pela visita. ‘Agora vamos daqui até à avenida Rio de Janeiro, passando pelo mercado de Alvalade e pela antiga área industrial. Vale a pena ver as mudanças e como uma nova geração de atividades está aqui a surgir’.

Até ao Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Sofia – versada em urbanismo - foi chamando a atenção para a tipologia dos edifícios que se encontravam à direita, um conjunto bastante interessante, não só pela implantação transversal ao eixo da via, mas também pelos seus pilotis, cores, volumetrias e pelas galerias que uniam os blocos de apartamentos.

‘Ora cá está um dos melhores mercados de Lisboa’, esclareceu Mariana, acrescentando ‘um dos poucos que ainda funcionam em pleno e que, recentemente, foi reconhecido pelo *Chef* Anthony Bourdain no seu programa *No Reservations*. Nem calculam o impulso que isso deu às vendas! Impressionante a força dos media...’

Atravessando o parque de estacionamento e seguindo pela rua do Centro Cultural (Centro Cultural?) entrámos na ‘área industrial’ de Alvalade, hoje um esteio emergente de atividades culturais e artísticas. ‘Na verdade’, disse Mariana, ‘já nos anos 60 se encontrava aí o Centro Português de Cinema (apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian) e, pelo menos, duas produtoras cinematográficas...’

‘Nada é tão novo como parece! Mas, de facto, parece estar aqui a despontar uma cena cultural bem fixe!’ Comentou o jovem Gonçalo.

João, que já estava a sonhar com a expedição do dia seguinte ao Areeiro, começou a sentir-se inquieto... Afinal Alvalade era um lugar mais interessante do que pensava, mas guardaria este pensamento só para si.

Passando pelo imenso comércio da avenida da Igreja e atravessando a avenida de Roma na Praça de Alvalade dirigimo-nos para o conjunto do Palácio dos Coruchéus, hoje Biblioteca Municipal e centro de produção artística. Mariana, com ar orgulhoso, avança: ‘pois o que estão a ver é algo completamente inovador. O primeiro centro de artes plásticas de Lisboa a incluir ateliers para artistas. Foi inaugurado em 1971. Uma obra do arquiteto Fernando Peres. Isto já para não falar da biblioteca, um equipamento de vanguarda, inaugurado recentemente no edifício que alguns atribuem à época Filipina e que foi, durante séculos, a sede de uma importante exploração agrícola senhorial’. E continuou provocando o João: ‘também há disto no Areeiro?’ ‘Não esperes pela demora!’ respondeu-lhe o colega, dando voltas à sua memória.

Dos Coruchéus dirigimo-nos novamente para a avenida de Roma que descemos em direção ao cruzamento com a avenida dos Estados Unidos da América que, lá muito ao fundo, quase imperceptível, desemboca na Praça de Londres. Aí, entrámos no Vá-Vá, que a Mariana e muitos vizinhos e amigos consideram a verdadeira alma criativa do bairro e da cidade. Emocionada, diz: ‘cá estamos no local onde, geração após geração, se foram construindo e destruindo mundos, se escreveram e descreveram teorias, se pintaram frescos, realizaram filmes, escreveram livros e compuseram músicas - na sua maioria que não chegaram a ver nem papel, nem quadro, nem nada, mas que, apesar de tudo, por contágio e difusão, contribuíram para o nosso ser colectivo.’

‘Isto é de quando?’ perguntou Sofia espreitando para o interior pouco iluminado. ‘De 1958, com assinatura do arquiteto e designer Eduardo Anahory’, esclareceu Mariana.

E depois desta curta paragem e de um café bem tirado, o grupo pôs-se em movimento avançando pela avenida de Roma até ao Fruta Almeidas.

Após um percurso pelo Bairro de São Miguel e pelo equivalente, situado já mais perto do Areeiro e no outro lado da Avenida – o Bairro das Estacas –, Mariana retomou o discurso que tinha interrompido para dar a oportunidade ao grupo de ver e sentir, por si, o ambiente. ‘Dois bairros dentro de um bairro’, disse ela. ‘Duas realidades’, continuou, ‘o primeiro, construído entre 1949 e 1951 corresponde à arquitetura e urbanismo do regime, o segundo, edificado a partir de 1952, protagonizou um corte com a filosofia e a estética anterior, encerrando um forte significado enquanto peça da arquitetura moderna inspirada na Carta de Atenas.’

‘Pois, pois’, retorquiu João, ‘esta é a melhor parte do percurso de hoje, muito especialmente porque o Areeiro começa já mesmo ali, depois da linha do comboio’, rematou.

‘Bom, para já está feito. Não discutam mais! Amanhã continuamos’, disse António, um observador muito crítico mas pouco falador.

Intenções e debates

A principal intenção deste ensaio é mostrar e compreender como é que um bairro e as relações de proximidade que nele se geram são adentos de inovação sociocultural ancorada na utopia (real?) do direito à cidade, mesmo em períodos não democráticos da história, como o da ditadura portuguesa que persistiu até 1974. Queremos também discutir a natureza, os protagonistas e a permanência ou efemeridade das dinâmicas inovadoras, defendendo que as artes e os artistas desempenham nelas um papel crucial no que diz respeito à sua intensidade e consolidação.

Interessa assim discutir brevemente, neste capítulo, três questões de partida: (i) como é que as utopias se tornam reais e transformam a cidade? (ii) porque é que as artes e os artistas são protagonistas importantes nessa transformação? (iii) qual é o papel dos laços de vizinhança, das relações de proximidade e dos lugares de encontro?

Importa-nos sobretudo revelar até que ponto determinadas expressões e certas cenas artísticas, geograficamente delimitadas, estimulam a emergência de alternativas à cidade atual (atual em cada momento da sua história!), ou seja, a configuração de novas urbanidades³, fruto da imbricação de um conjunto de ‘camadas’ ou *layers* que se combinam ao longo do tempo, com ou sem conflito, definindo percursos mais ou menos consistentes e com temporalidades diversas.

A permanente transformação da cidade

Nas cidades europeias contemporâneas coexistem diferentes espaços e agentes associados aos diversos modelos e visões da cidade. Mantendo-se ainda presente, especialmente nos centros históricos, a cidade orgânica, crescendo ao ritmo das necessidades dos residentes, coexiste com a cidade mais recente, em grande parte intencional, que revela conjugações e tensões entre a cidade moderna, marcada pela forte intervenção pública, e a cidade neoliberal, com intensa expressão do capital financeiro-imobiliário⁴.

A cidade moderna, fruto da rigidez funcionalista e da segregação em que se baseia, gerou

³ Borja 2003.

⁴ Barata-Salgueiro 1998, Sáez 2007, Harvey 2012, Marcuse 2009.

intensas desigualdades, pelo menos entre um “centro prestigiado, diversificado, rico e poderoso opondo-se a periferias mal-equipadas e monótonas”⁵. Nas últimas décadas, a cidade fragmentou-se, aumentando os níveis de desigualdade e introduzindo fortes mecanismos de exclusão. Este processo decorre da fragilidade dos poderes públicos face a agentes económicos poderosos e globais associados à mercadorização da cidade e de cada um dos seus espaços. Assim, à cidade planeada do pós Segunda Guerra - contexto em que, como se verá mais adiante, emergiu o bairro de Alvalade - vai-se sobrepondo a cidade fragmentada e desregulada produzida pela ‘onda’ neoliberal. A ligação complexa entre estas duas realidades urbanas acontece entre tensões intensas, gerando também forte contestação de quem rejeita qualquer uma delas.

Assim, face a estes dois modelos, que podemos associar a diferentes agentes hegemónicos, surgem resistências e alternativas, proclamando que ‘outra cidade possível!’, novos modos de uso e produção da cidade que parecem estar sobretudo associados aos comportamentos ecologistas e à presença dos artistas. Não se pretende aqui deificar as artes e os artistas, apresentando-os como salvadores da cidade atual. Eles também são frequentemente agentes cruciais da gentrificação, operários das ‘indústrias’ criativas, contribuindo decisivamente para a valorização económica dos espaços urbanos, novos ou regenerados.

Arte e artistas na cidade: a construção de utopias reais

Nos tempos mais recentes, e talvez pelo contexto de crise que se instalou na Europa, os artistas têm surgido muitas vezes como a voz crítica associada especialmente a quatro tipos de causas: recuperar as relações de proximidade; valorizar a sustentabilidade dos lugares; facilitar a comunicação de emoções e sentimentos profundos que vão para lá da racionalidade, veicular o sentido de transcendência que as sociedades ocidentais têm vindo a perder e que, de algum modo, pode ser transmitido pelas artes. Aili Vahtrapuu⁶ defende que “l’artiste peut apporter sa plus précieuse contribution : recréer des espaces, créer des œuvres qui soient autant de miroirs de la dynamique invisible (activités et déplacements des citadins) qui anime la ville contemporaine.” Uma arte comprometida com a transformação da cidade? Sonja Kellenberger⁷ alega que “dans les espaces publics, ces artistes explorent et exhibent un rapport particulier à la ville et à l’urbain. Agissant « dans » la ville, leurs productions esthétiques présentent aussi des images «de» la ville. Plus que certaines formes purement artistiques, l’art engagé dans un processus contestataire ou de débat citoyen procède par échange direct et par dialogue avec différents publics pour faire œuvre collective. Au cœur de cette démarche, les questions de la transformation urbaine et sociale et de l’action collective sont motrices, et fonctionnent comme un ferment pour les images produites”.

Uma utopia real na cidade significa, defendemos, a transformação do espaço urbano através da mudança das relações espaço-sociais, especialmente através da justiça social, do acesso à habitação e da apropriação do espaço público⁸. A cultura e as artes podem desempenhar um papel importante nesta transformação, não só porque emprestam uma nova estética aos lugares, favorecendo a sua distinção e reconhecimento no exterior⁹, mas também porque as expressões artísticas e as iniciativas culturais promovem o diálogo entre gerações, grupos

5 Barata-Salgueiro 1998, p. 40.

6 Vahtrapuu 2013, p. 108.

7 Kellenberger 2008, p. 65-66.

8 Lefebvre 1970, Harvey 2000, Sáez 2010, Wright 2009.

9 Miles 1997.

sociais e culturas diferentes, bem como a autoestima das comunidades locais. No fundo, comportam um certo sentido de transcendência e de antecipação, essência da utopia real e semente da sociedade do futuro ¹⁰.

A transição das sociedades industriais para a pós-modernidade conferiu às artes, e à cultura em geral, uma posição bastante central na vida das pessoas e das comunidades. “The creative element of our existence – expressions of who we are, where we come from, and where we wish to”, observam M. Sharon Jeannotte e Dick Stanley, ¹¹.

A firmeza e a segurança ligadas às grandes visões do mundo, às ideologias que formataram a modernidade, cedeu o lugar, a partir dos anos 60 do século XX, à incerteza, à instabilidade, à ‘inconsistência dos sonhos’. Este quadro de permanente desconfiança perante o futuro que marca atualmente o quotidiano do mundo ocidental associado também à progressiva dissolução das várias formas de transcendência é, de algum modo, superado através das artes¹². Mesmo em situações especialmente adversas como a crise e a austeridade que atualmente se vive em vários países da Europa, a arte surge como meio privilegiado de expressar o descontentamento e a resistência (e.g. através da *street art*) e também como inspiração ou instrumento de novas soluções sociais (e.g. Orquestra Geração ou o Teatro do Oprimido ¹³). As artes possibilitam a representação e a antevisão do futuro, sendo também um elemento central da estetização do quotidiano ¹⁴, traço cada vez mais forte nas sociedades atuais, presente quer nas paredes dos edifícios das cidades quer no mundo virtual que nos cerca. A identidade, pessoal e colectiva, usa efetivamente um grande número de referências estéticas. Joost Smiers defende que “a well-developed cultural identity includes the strong feeling that specific artistic expressions make us the people we want to be, and, at the same time, that other expressions disturb our lives, don’t belong to who we are, or make us feel less comfortable”¹⁵.

O relevo que as artes passaram a ter na sociedade e, em especial, na cidade contemporânea associa-se também à sua capacidade de comunicação. As diversas expressões artísticas permitem comunicar para além da linguagem comum, sendo um importante instrumento das dinâmicas sociais tanto para a afirmação do poder quanto expressão de descontentamento ou mesmo da revolta. As expressões simbólicas traduzem, por vezes com maior rigor do que a palavra, as tensões e os conflitos entre comunidades ou no seu interior ¹⁶. A cultura e as artes associam-se, por isso, com grande frequência à inovação social e à construção de utopias reais, processo em que se conjugam a comunicação, a atitude crítica, a participação cívica, a dialética entre o individual e o colectivo, a capacidade de regeneração dos lugares ¹⁷.

Relações de proximidade e lugares de encontro

O lugar define-se territorialmente e a comunidade local tem um sentido social embora ambos os conceitos sejam indissociáveis. O lugar implica uma proximidade geográfica e relações de vizinhança que permitem a existência de uma comunidade partilhando um território com

10 André, Malheiros, Carmo 2013, Roby 2002.

11 Jeannotte e Stanley 2000, p.136.

12 Ruby 2002. <http://www.espacestems.net/articles/art-public-dans-la-ville> .

13 Carmo 2014.

14 Smiers 2005, Ley 2003.

15 Smiers 2005, p. 121.

16 André, Malheiros, Brito-Henriques 2009.

17 Capel 1996, Moulaert, Demuyne e Nussbaumer 2004.

fronteiras delimitadas que, de algum modo, ‘protegem’ o coletivo mas, ao mesmo tempo, o opõem aos outros.

Com o desenvolvimento das telecomunicações e num quadro de crescente mobilidade, as relações de proximidade têm perdido importância, substituídas pelo uso de meios digitais que aproximam quase todos os lugares do mundo (televisão, *internet*, *facebook*, *twitter*, etc.), sendo hoje possível a interação pessoal a distâncias enormes. Contudo, percebemos que toda essa parafernália de meios não substitui as relações de proximidade e o seu contributo para o reforço do capital social baseado essencialmente na confiança e nos laços que se estabelecem numa comunidade, particularmente forte em momentos críticos, de adversidade ou de exaltação.

O espaço público de encontro e de tertúlia – a Ágora da cidade grega – privilegia os interesses coletivos, o discurso como meio de persuasão e a pluralidade, ao contrário da esfera privada, doméstica, onde se salienta a intimidade e a singularidade ¹⁸. Marx, embora defendendo a importância social do espaço público, advertiu para a sua fragmentação, ou seja, para a diferenciação e desigualdade dos lugares de encontro e das sociabilidades aí desenvolvidas pelos diversos grupos sociais, diversidade que vamos encontrar muito nítida na frequência dos cafés de Alvalade nos anos 60-70 do século 20. A cidade e os lugares que nela coexistem vivem muito do espaço público e dos lugares de encontro, em especial, se estes foram efetivamente plurais, permitirem o diálogo e incentivarem a participação ¹⁹.

No que diz respeito às artes e aos artistas, os lugares de encontro são espaços cruciais em dois momentos do percurso criativo: inicialmente - quando a imaginação e o esboço da obra precisam de ser alimentados pelo turbilhão de ideias, pelo movimento, pelo debate de opiniões e visões - e também na fase final, quando é necessário o reconhecimento do valor artístico e a divulgação do trabalho realizado. Na etapa intermédia, da produção, julgamos que os artistas se isolam nas suas casas, garagens ou *ateliers* um pouco espalhados por toda cidade ou mesmo fora dela, na tranquilidade do campo.

É sobre este tema – os cafés de um bairro onde se têm conhecido e reconhecido inúmeros artistas de várias gerações e diferentes artes - que o artigo se vai deter no último capítulo.

O bairro de Alvalade em Lisboa

Alvalade é um bairro planeado nos anos 40 do século 20 que surge num contexto de planeamento eficaz, não muito comum em Lisboa. Apresenta diversas inovações no plano urbanístico, ocupação social e oferta de bens e serviços que contribuíram para uma identidade ‘moderna’ na cidade, que procuramos aqui elencar. Naquela época a cidade precisava de áreas para expansão, pois tinha acolhido fortes movimentos migratórios durante a guerra e as carências habitacionais eram muito fortes ²⁰.

Em paralelo com a elaboração de um plano diretor para a cidade, Faria da Costa procede ao plano de urbanização (1941-44) de uma vasta área a norte da cidade consolidada que entretanto fora expropriada pelo município, plano que foi aprovado em 1945 ²¹. Este plano

18 Esteves 2014.

19 Machado e André 2012.

20 Costa 2002.

21 AA.VV.1987.

tem diversos elementos inovadores. Obedecia aos princípios do urbanismo inglês baseado em unidades de vizinhança centradas nas escolas primárias, que deviam ser alcançadas a pé a partir das habitações que serviam, contemplando igualmente princípios do zonamento funcional e uma organização hierárquica das vias e das áreas comerciais e de serviços.

No conjunto do bairro foram projetadas 8 e edificadas 6 escolas básicas (abrangendo uma unidade de vizinhança) e duas escolas secundárias. Para além de pequenas unidades comerciais de bens de primeira necessidade, dois mercados representavam as facilidades de abastecimento alimentar de nível mais alto, mas só um foi efetivamente construído. O comércio de bens não correntes concentrava-se num eixo central (Avenida da Igreja), estendendo-se depois a um outro (Avenida de Roma) que aliás viu o seu raio de atração ultrapassar o bairro. Foi também previsto um quartel de bombeiros, uma extensa área desportiva, duas igrejas, e um centro cultural que não chegou a ser construído, ficando apenas na toponímia (Rua do Centro Cultural). O zonamento funcional estava representado na concentração do comércio em determinadas vias e na existência de uma zona industrial, designada de artesanato, para acolher pequenas indústrias, oficinas e armazéns.

A estrutura viária, de tipo hierárquico, distinguia os eixos principais de atravessamento, que também concentravam,, ou vieram a concentrar grande parte do comércio, vias de distribuição, por vezes curvilíneas, que podiam terminar em pracetas ou impasses de serviço já para poucos edifícios. Deste modo, as células habitacionais eram muito sossegadas.

Em termos arquitectónicos, foram preparados diversos projetos tipo consoante a localização e o nível social dos utilizadores a que se destinavam, o que se veio a traduzir numa grande uniformidade visual do conjunto. De facto, a diferença entre os projetos dizia mais respeito à organização e dimensão dos fogos do que propriamente ao desenho das fachadas. Dominam os edifícios de 4 pisos, o limite para a não existência de ascensor, mas encontram-se também alguns núcleos de vivendas isoladas com jardim. A grande maioria do alojamento era para aluguer. Há zonas de construção municipal de habitações sociais de ‘renda limitada’, uma variedade de habitação social de iniciativa pública que aqui pela primeira vez se faz em altura, por contraste com a oferta anterior à guerra, concentrada em pequenos bairros relativamente isolados e distantes, constituídos por casinhas pequenas com um jardim. Foram programadas outras zonas também de carácter social mas de promoção privada e outras ainda destinadas ao mercado livre. Portanto, o bairro acolheu grupos sociais distintos, todavia com alguma separação geográfica, pois os prédios com valores de aluguer mais económicos estavam concentrados nalgumas células. As carências habitacionais seriam de tal ordem que ainda as infraestruturas estavam em construção já se edificavam os primeiros 150 edifícios de aluguer social, na parte noroeste do loteamento, deixando os terrenos mais a sul, mais próximos da cidade consolidada cujos lotes se destinavam a venda, a valorizar.

A partir de 1947 iniciou-se a construção das chamadas ‘casas de renda limitada’ (regulamento então aprovado que dava facilidades aos particulares que construíssem edifícios para aluguer com valores moderados fixados pela legislação). O primeiro conjunto desta modalidade foi planeado para habitação e comércio prefigurando o principal eixo comercial, verdadeiro centro de bairro, na avenida da Igreja. Os lotes para modalidade da renda livre localizavam-se nas vias de trânsito principais, onde a construção prosseguiu até aos anos 70 e a altura dos imóveis subiu bastante mais do que estava inicialmente previsto.

As caixas de previdência, organizações de segurança social do estado corporativo, foram importantes investidores nos prédios de renda limitada, pois procuravam no aluguer,

simultaneamente, um investimento e um rendimento para as comparticipações que obtinham dos trabalhadores. Nesta modalidade e na de renda livre encontram-se naturalmente também aforradores particulares, alguns dos quais teriam feito fortuna com a venda de produtos das colónias e durante a Segunda Guerra Mundial.

No plano inicial todos os edifícios tinham fachadas que acompanhavam a rua, mas ainda no final dos anos 40 são introduzidas alterações sugeridas por uma nova geração de arquitetos e surgem edifícios colocados obliquamente ao eixo da via e colocados sobre pilotis, numa aplicação dos princípios da arquitetura Moderna. O primeiro destes conjuntos foi planeado e construído entre 1949 e 1954 e ficou conhecido por '*Bairro das Estacas*', devido aos pilotis.

Em 1948 realizou-se em Lisboa um importante congresso nacional de arquitetura em que se opuseram vivamente duas tendências, a dos conservadores e a dos jovens entusiasmados com a Carta de Atenas e a arquitetura Moderna. Alvalade estava a ser iniciado e acabou por ser palco destas duas tendências. Embora o plano de Faria da Costa comportasse algumas componentes inovadoras, enquanto modelo de cidade, era ainda orientado pela tradição. Mas ao mesmo tempo conseguia ter flexibilidade para acomodar novas tendências, fosse em termos de implantação dos imóveis, fosse enquanto arquitetura. Assim, no desenho dominante de quarteirões fechados puderam inserir-se blocos soltos; à traça conservadora da igreja de S. João de Brito contrapõem-se as duas escolas primárias projetadas por Ruy Atouguia, de enorme modernidade e funcionalidade. Portanto, Alvalade nasceu de um plano novo combinando inovação no desenho urbano, conservadorismo e modernidade na arquitetura, onde atuaram diferentes tipos de promotores e se instalaram vários grupos sociais como residentes, o que também representava uma inovação no domínio da segmentação sócio-espacial da cidade. Importa contudo aqui realçar que, ao contrário do que veio a suceder noutros bairros, o *mix* social em Alvalade era 'suave', ou seja, tratava-se de grupos que partilhavam uma mesma cultura e cuja diferença residia no rendimento e consequente nível de vida ainda. Acresce que até 1974, o regime político impunha uma obediência que afastava a ocorrência de conflitos explícitos, comportamento que, especialmente no caso dos diversos segmentos da classe média, se manteve durante as décadas seguintes. A contestação que por vezes se manifestava vinha sobretudo dos jovens das famílias mais abastadas e não dos grupos com maiores dificuldades económicas.

Bairro pensado para a proximidade, para o peão, onde para além de uma arquitetura de regime, relativamente conservadora se aplicaram princípios urbanísticos do modernismo, através de projetos de jovens arquitetos contestatários do regime político, rapidamente ganhou estatuto de *Bairro Moderno*, o que atraiu novos atores capazes de desenvolver novos tipos de sociabilidade. Entre os atores, para além dos investidores, importa destacar os residentes jovens das classes médias intelectuais e criativas (com forte presença de arquitetos e engenheiros - que tinham acompanhado a construção ou não, escritores, cineastas, entre outros), casais em que percentagem expressiva das mulheres exercia profissão remunerada. Pessoas de espírito aberto à inovação que recusavam os modos de vida tradicionais – muito influenciados pela 'onda' de mudança sociocultural que percorreu a Europa no final dos anos 60 do século 20 - e atribuíam aos lugares de encontro e sociabilidade – os cafés, os jardins, as praças – um valor elevado. Estes espaços sofreram uma intensa apropriação pelos grupos sociais que vieram habitar o bairro, neles surgiram novas vivências e foram suporte de redes de interação, de discussão e de criação tendo contribuído para um dos pilares identificadores de Alvalade.

A dinâmica endógena do Bairro beneficiou também de um factor exógeno, a instalação próxima da Cidade Universitária em 1957/58 na área a poente do Campo Grande. Reduzida aos edifícios das Faculdades de Letras, Direito, Farmácia e Medicina, cantina e estádio, os estudantes ‘colonizaram’ em termos de residência e de lugares de encontro, os bairros para poente e sul (Rego) e para nascente (Alvalade).

A modernidade, ao nível simbólico, era também dada pela presença do aeroporto nas imediações. No hospital psiquiátrico Júlio de Matos aplicavam-se técnicas de estudo e tratamento particularmente inovadoras para a época que inclusivamente valeram a Egas Moniz o Prémio Nobel da Medicina em 1949.

Juventude, espírito de abertura, formas de vida ‘modernas’, permitiram que também no comércio e nalguns serviços surgissem inovações. Foi na Avenida de Roma que em 1972 a estilista Ana Salazar abriu a sua primeira loja, a *Maçã*, onde vendia roupas modernas e diferentes de tudo o que até aí se encontrava em Lisboa. Eram importadas de Inglaterra, pois só mais tarde passou a desenhar e produzir para sua própria marca. No bairro de Alvalade surgiram dois dos primeiros centros comerciais da região de Lisboa, o *Tutti Mundi* em plena avenida de Roma, em 1968, e o Centro Comercial de Alvalade, em 1976, no cruzamento dos dois eixos principais do bairro ²². Também foi na avenida de Roma que Lisboa conheceu o *bowling*, paredes meias com um espaço onde se dançava e havia música ao vivo, onde mais tarde se veio a instalar o cinema Londres.

No cinema, Alvalade foi o bairro dos cinemas de bolso. Não sendo o primeiro da cidade, o Quarteto, bem no coração de Alvalade, oferecia um conjunto de 4 salas de cinema simples, onde a geração dos anos 60 se fez cinéfila. Para além de possuir salas de cinema que atraíam jovens de toda a cidade, Alvalade inspirou, se é que não criou, condições para a eclosão do chamado novo cinema português, nos anos 60. Os cafés e o *rock* nos anos 80 são tratados no ponto seguinte. Mas neste evocar de inovações no domínio dos equipamentos, importa ainda referir o complexo dos Coruchéus. Aproveitando uma antiga mansão rústica, em 1971 a Câmara Municipal de Lisboa inaugurou ali um complexo destinado à instalação de vários ateliers-loja de artistas, iniciativa pioneira. Foi também inaugurada uma galeria de arte e um restaurante-café. Tanto os ateliers como as exposições atraíram artistas e clientelas exteriores ao bairro que contribuíram para a dinamização cultural do entorno. Ainda hoje se mantém a atratividade deste complexo artístico-cultural.

Pelos anos 70, a avenida de Roma e o seu prolongamento para sul, através da avenida Guerra Junqueiro, constituíram uma fortíssima alternativa à Baixa, o centro principal de comércio e serviços da cidade, que entrava então numa profunda letargia. Ao mesmo tempo, a avenida da Igreja continuava a posicionar-se como um centro de bairro de hierarquia superior no conjunto dos centros desse nível na cidade. Nos meados dos anos 80 Alvalade entrou numa fase de decadência marcada pelo envelhecimento e empobrecimento dos residentes (viúvos, pensionistas), muitas vezes a viver sós, e pela má conservação dos edifícios. Muitos apartamentos foram vendidos aos inquilinos cuja capacidade financeira não era muito mais alta da dos anteriores proprietários que ficaram descapitalizados, devido ao valor baixo dos alugueres que durante a segunda metade do século 20 não sofreram atualização devido ao ‘congelamento’ das rendas na cidade.

22 Barata-Salgueiro 1989.

Os modernos centros comerciais criaram novas centralidades para as classes médias motorizadas que deixaram de vir à avenida de Roma/Guerra Junqueiro passear e fazer compras. As indústrias e oficinas, tal como muitos cafés, fecharam e deram origem a agências bancárias, templos, grandes supermercados ou hipermercados de média dimensão. Até o cinema Quarteto e o centro comercial Alvalade fecharam, este último reaberto recentemente após um longo intervalo.

A proximidade pedonal, que contribuía para reforçar o espírito do Bairro através da valorização local, foi substituída pela proximidade motorizada. As elites residentes em Alvalade têm grande mobilidade e deslocam-se ao estrangeiro, a vários pontos da cidade ou da região para fazer compras, ir ao restaurante, passear ou ‘passar um bocado’. A distância física já não conta muito, porque a mobilidade aumentou, bem como a distância percorrida e o modo de selecionar os lugares de encontro. As mensagens por telemóvel ou internet convocam manifestações políticas, festas-surpresa, para o encontro num determinado espaço que se pode ir sucedendo ao longo do dia ou da noite. Nesta época da mobilidade e da tecnologia da comunicação, os jovens potencialmente criadores já não se encontram no café da esquina mas em lugares variados e nas redes sociais. Os cafés das tertúlias fecharam ou converteram-se em espaços onde senhoras e também homens de uma certa idade leem o jornal, conversam com as amigas ou simplesmente olham quem passa. Estes cafés-pastelarias servem também almoços, designadamente às pessoas que trabalham nas redondezas.

De 1991 a 2011 aumentaram os alojamentos mas diminuíram as famílias e os residentes. O número de alojamentos vagos não parece ser muito expressivo pelo que esta quebra parece indiciar uma substituição de residentes permanentes por estudantes que não são contados no recenseamento. Parece pois existir uma população flutuante difícil de avaliar e que não tem sido particularmente visível na vida do bairro. O Censo de 2011 confirma Alvalade como um bairro envelhecido, com bastantes reformados ou aposentados, mas cuja população tem um alto nível de escolaridade em comparação com a situação do país e mesmo de Lisboa (quadro 1).

Quadro 1
Os residentes em Alvalade

	Pop residente 2011	Com 65 e mais anos - %	Com Ensino Superior - %	Empregados %	Pensionistas e Reformados - %
Portugal	10 562 178	19,03	11,78	41,29	22,15
Lisboa	547 733	23,91	27,10	41,91	25,68
Alvalade	31 110	28,99	35,72	40,67	28,40

Fonte: INE, Censos 2011

Nos últimos anos, parecem surgir contudo sinais de mudança. As casas que vão sendo desocupadas, por morte dos seus residentes, vão sendo alugadas ou compradas por famílias jovens da classe média que podem voltar aos bairros centrais da cidade por via da crise do sector imobiliário que fez baixar consideravelmente os preços e reanimar o mercado de aluguer. Mas a dinâmica mais acentuada observa-se na área da pequena indústria e oficinas mencionada anteriormente, onde a reabilitação de edifícios é intensa e a atração de artistas – típica de uma área central em transformação – parece ganhar vigor de dia para dia.

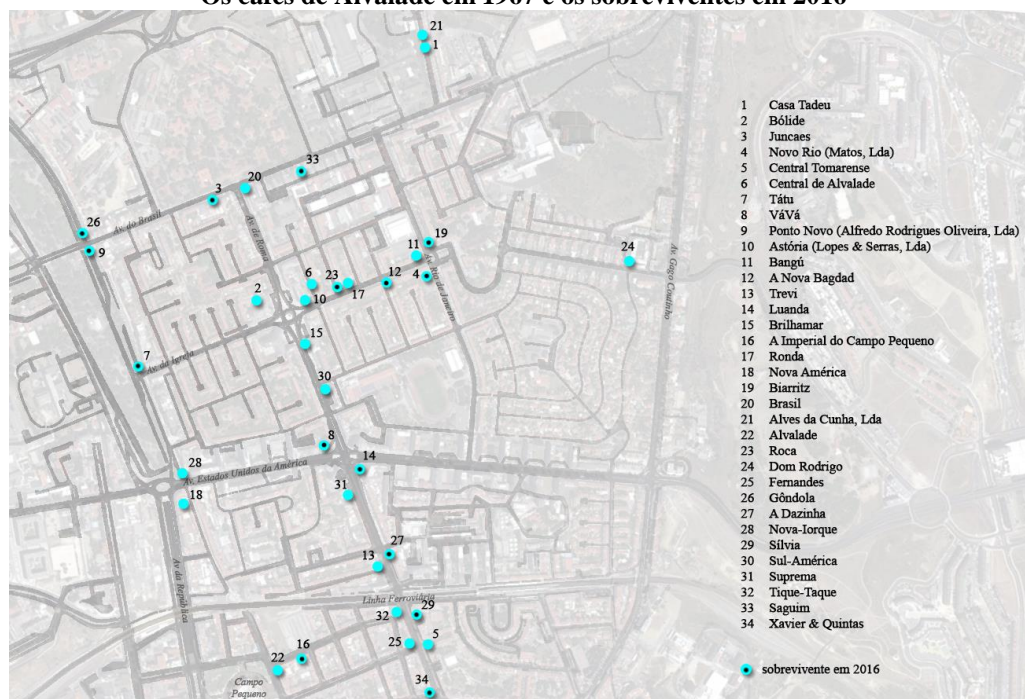
Lendo o bairro de Alvalade numa perspetiva artístico-cultural podemos identificar quatro polos (figura 2) com características diversas: (i) o Hospital Júlio de Matos onde, a partir do

aposta na ação dinamizadora conjunta da Freguesia e da Câmara Municipal através de um centro cultural a localizar num edifício público existente na área.

Os cafés de Alvalade: lugares de encontro e de inspiração

Os cafés do bairro de Alvalade arquitetaram simbólicos lugares de encontro e de troca de emoções ritualizadas durante décadas de existência. De certa forma, o apelo que nos convoca Ferrão (2004), na determinação de um projeto urbano assente numa visão cultural da cidade, reveste-se de grande acuidade e interesse para enquadrarmos a geografia de cafés que despontaram em Alvalade no final dos anos cinquenta. A sua geografia (Figura 3²⁴) fixou-se na esteira dos grandes eixos de comunicação do Plano de Urbanização da Zona a Sul da Avenida Alferes Malheiro (Plano do bairro de Alvalade): a avenida de Roma e a avenida da Igreja e, em menor número, na avenida Estados Unidos da América. Esta ideia emergiu de um entendimento que se encontrava implícito ao Plano de Urbanização, e que aferia a perspetiva de que o espaço citadino conseguia construir uma emoção arquitetónica, concebida com critérios estéticos que jogam, por vezes, um papel relevante sob o espaço público²⁵. Terá sido este o jogo de sedução perante um território urbano moderno, onde pontuava um caldeamento de bons recortes arquitetónicos, e que lavrou uma tão forte e singular concentração de cafés com criativas tertúlias, numa altura em que a gramática repressiva do regime salazarista reprimia a expressividade pública da vida, tanto individual como coletiva.

Figura 3
Os cafés de Alvalade em 1967 e os sobreviventes em 2016



Fonte: Listas Telefónicas *Páginas Amarelas*, Lisboa 1967 e elaboração própria

24 Agradecemos ao colega Leandro Gabriel a organização da informação e a realização da cartografia.
25 Bassand 2001.

Os cafés dos “verdes anos”, os anos sessenta e setenta

Esta singular cartografia tornar-se-ia muito intensa e importante no final dos anos cinquenta e no decorrer da década seguinte, a de sessenta, especialmente no eixo Praça de Londres – Avenida de Roma. Nele apareceria uma concentração geográfica de cafés quase aparentando coordenadas de uma bússola enlouquecida que juntava cidades, países e remates toponímicos continentais num mesmo portulano imaginário – as Pastelarias Mexicana (1961/62) e Biarritz (1962), os Cafés Luanda (1961), Sul-América (1960), etc. – a nomes primorosos e insólitos compostos por fonemas simples e repetitivos como onomatopeias, escolhidos por serem lúdicos e fáceis de fixar, dos quais se destacavam os cafés Tique-Taque (1957) e o Vá-Vá (1958).

Qualquer um destes cafés/pastelarias conformava um jogo arquitectónico de clara envolveria expressionista, ao qual se aplicava um programa de café, pastelaria e snack-bar ²⁶. Destacaremos três, pelo original confronto artístico que souberam aplacar com inúmeros artistas plásticos, e por simbolicamente circunstanciar um itinerário geográfico do troço Praça de Londres/Avenida de Roma: um primeiro, a pastelaria Mexicana, projetada pelo arquiteto Jorge Chaves – que ainda mantém a traça arquitectónica originária - que alia uma gramática de grande originalidade artística através de um enorme painel cerâmico de Querubim Lapa evocando o sol mexicano, um “passarinhário”, uma espécie de gaiola de vidro com aves no seu interior; um segundo, o Tique-Taque, quase a meio deste percurso, que se assumia como um transcendente lugar arquitectónico, riscado por Victor Palla e Bento d'Almeida, onde pontuavam elementos de design de enorme intensidade estética e que felizmente chegaram intocáveis até ao fim da sua vida, sempre distantes da opacidade de restauros dúbios; e, por fim, aquele que se tornou no mais icónico café da avenida de Roma, o Vá-Vá, batizado com este nome em homenagem a um futebolista brasileiro Edvaldo Beto e que era conhecido pela alcunha homónima, riscado pelo arquiteto e decorador Eduardo Anahory (1918 – 1985) e que concilia uns admiráveis painéis de azulejaria da pintora Menez (1926 – 1995).

Toda esta força magnética da Avenida de Roma desenvolveu uma memória alicerçada na intensidade cartográfica dos cafés e na vida intensamente vivida pelas inúmeras tertúlias de escritores, cineastas e todos aqueles que os acompanhavam e que faziam transparecer uma forte preparação cultural e política; a par de uma insinuante geografia de amores e desamores que deambulava musicalmente pelas diversas esplanadas dos cafés.

A confluência mais inovadora e insinuante radicava no cruzamento da avenida de Roma com a avenida dos Estados Unidos de América, onde se concentravam três cafés com tertúlias muito ativas e personalizadas: o Vá-Vá, o Luanda e a Pastelaria Suprema. Mas foi no contexto do Café Vá-Vá que melhor se refletiu a importância simbólica de uma tertúlia, na conjugação de alguns factores que estimulam a emergência de um meio criativo. Sendo o café dos cineastas e do nascimento do ‘novo cinema português’, estribava-se uma insinuante tertúlia em torno de jovens cineastas como Fernando Lopes, João César Monteiro, António Pedro Vasconcelos, Cunha Telles e Paulo Rocha, que, como nos conta Lauro António, no artigo do jornal *Público* de 25 de Julho de 2007, “morava no prédio do Vá-Vá e dele fez o *plateau* para um dos filmes mais emblemáticos da história do cinema português, *Verdes Anos*”. Nesta dimensão quase feérica, era lugar de encontro de inúmeros músicos, artistas, jornalistas e nomes ligados ao movimento associativo dos dois polos universitários que

26 Toussaint 1994.

envolviam o bairro de Alvalade: o Instituto Superior Técnico e a cidade universitária, da Universidade Lisboa. Seria o respaldo para despontarem tertúlias ligadas ao movimento associativo - compostas por Medeiros Ferreira, Jaime Gama, Nuno Brederode Santos e Alfredo Barroso, etc. - e que se revestiram de uma extraordinária importância na consciencialização coletiva das gerações mais jovens perante um regime autoritário e opressor. Durante a crise universitária de 1962, as esplanadas tornar-se-iam palcos astuciosos para os estudantes mais politizados onde se gizavam as estratégias associativas ²⁷.

“Em Lisboa, Avenida de Roma, número noventa e três”, como nos enuncia o longo poema de Daniel Filipe ²⁸, era lugar onde se difundiam e se consolidavam novas vivências urbanas, nomeadamente na forma como se fazia circular os jornais vespertinos de mão em mão, e, por vezes, com uma conformação quase clandestina, a passagem de livros proibidos e censurados pelo regime salazarista. Ana Soromenho destaca a importância de Helena Carneiro, que era uma das musas do café Vá-Vá e que simbolizava “o princípio da modernidade feminina”, assumindo-se como uma “das grandes impulsionadoras dos movimentos que se organizaram a partir do café: as idas colectivas ao Cineclube, e às sessões dos cinemas Império e Monumental, e também às manifestações que começavam a aquecer aqueles anos” ²⁹.

A afirmação de um simbólico espaço público culturalmente livre, por força da extraordinária riqueza dos seus intervenientes e da importância que tiveram para quebrar a tacanhez de um regime opressor, seria ainda valorizado com uma nova roupagem acrescentada pela presença dos artistas plásticos oriundos dos ateliers dos Coruchéus. No entanto, a força sagaz desta tertúlia começaria a dissipar-se no início dos anos setenta.

Com a revolução de Abril de 1974, e nos tempos que se seguiram, a rua e os seus cafés assumiram contudo uma grande intensidade cenográfica, na forma como se usou a rua, dando forma à expressão de Henry Lefebvre, de que a cidade se tornou num cenário de um “teatro espontâneo do qual” cada um se torna “espectáculo e espectador, às vezes actor” ³⁰. A geografia dos cafés permaneceu importante mas foi acrescidamente valorizada pela cartografia das cervejarias, boîtes e pubs, associados a uma vivência de pendor noctívago, “mais brega, mas também mais democrática”, como nos confidenciou Pedro Lopes ³¹.

Os anos oitenta e noventa. Os cafés do rock e do movimento punk

O anos oitenta representaram o despontar do movimento *rock* e o bairro de Alvalade continuou a assumir uma importância capital na afirmação desta inovação. Neste campo, assumiu particular relevo a intensa presença de bandas de garagem que pontuavam na vizinha avenida EUA. Esta simbólica repercutiu-se com uma dinâmica de apropriação muito forte, tendo os cafés da Avenida de Roma continuado a assumir-se como os principais vasos comunicantes para as gerações mais novas.

27 Margarida Acciouli. “O último café das avenidas”. *Revista Actual, Expresso* 22/06/1985, p. 39-41. http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/CafeVava/ExpressoRevista_22Jun1985_p039-041.pdf

28 Filipe 1962.

29 Ana Soromenho, Ana (2004). A Geração Vá-Vá. *Revista Única, Expresso*, 24/04/2004, p. 34-38. http://hemerotecadigital.cmlisboa.pt/ExposicoesVirtuais/Alvalade/CafeVava/ExpressoRevista_24Abr2004_p034-038.pdf.

³⁰ Lefebvre 1970.

³¹ Artista residente em Alvalade desde criança e que acompanha atentamente a vida cultural do bairro. Entrevistado pelos autores em março de 2016.

Apesar de muito maltratado por sucessivas e espúrias “reabilitações”, o café Vá-Vá continuou a estribar-se como o polo principal de convívio, reunindo um segmento de jovens que se misturava com os próprios elementos dos grupos *rock*. Como nos revela Zé Pedro ³², membro dos Xutos e Pontapés, “os Sétima Legião ensaiavam ali perto (“até chegávamos a ouvir os ensaios da esplanada”), os elementos dos Heróis do Mar também marcavam presença”. Dirá ainda que com a “rota *punk*”: era ali que a malta se juntava para depois ir aos bares, “as grandes noites loucas passavam sempre por lá”.

A disseminação de outros lugares do bairro de Alvalade alastraria, no decurso dos finais dos anos oitenta e na década de noventa, à medida que vários cafés da Avenida de Roma começaram a encerrar. Dentro desta dispersão, o movimento *punk* foi aquele que mais força terá tido na afectação de novos lugares de encontro, pulverizados por diversos cafés secundários da avenida da Igreja, praça de Alvalade e locais adstritos ao jardim dos Coruchéus. Na verdade, a importância dos Coruchéus como espaço de convergência de franjas minoritárias associadas a movimentos contra-culturais, como nos referiu Pedro Lopes, sempre se fez transparecer, mas acentuou-se com a aparecimento criativo das bandas *punk* ³³. Doravante, a satelização de novos lugares de encontro em redor dos Coruchéus alargariam a sua importância e fariam com que as novas cenas artísticas e culturais alternativas deixassem progressivamente de se manifestar nos cafés associados aos eixos estruturantes do bairro de Alvalade.

O tempo presente e a acentuada desterritorialização dos lugares de encontro

Com o alvor do século XXI, o bairro de Alvalade foi atingido por um acentuado envelhecimento demográfico, pois o regime de ‘casas de alugueres económicos’ dominante em extensas áreas do bairro bloqueou a mobilidade residencial e a renovação.

Mais recentemente, a crise e a austeridade sentiram-se de forma muito expressiva em Alvalade. As avenidas “de prédios verdes e rosa pastel (...) de um alinhamento de harmonia burguesa” e a “sofisticação das lojas”, de que Mário de Carvalho nos fala, ³⁴ deram lugar a alguma decadência do tecido comercial, encerramento de cafés tradicionais que ainda restavam e uma certa degradação do edificado. Os lugares de encontro são progressivamente fragmentados e passíveis de uma maior imprevisibilidade, carregados através de uma rede tendencialmente desterritorializada como fonte de uma comunidade renovada ³⁵.

Procurando contrariar alguma decadência, a partir de 2006, o realizador de cinema Lauro António fez renascer novamente o Vá-Vá com as tertúlias *Vá.Vá.diando*, iniciativa que ainda se mantém. Apesar do meritório esforço de preservar uma memória longínqua, aquilo que transparece desta iniciativa é a ideia de cerzir um tempo remoto com o tempo presente, mas convocando exclusivamente os atores que souberam resistir ao curso inexorável da vida.

32 Francisco, Luís (2007). Vá-Vá, o que torna esta café tão especial? Artigo do Jornal “Público”, 25/07/2007. <http://www.publico.pt/temas/jornal/vava-o-que-torna-este-cafe-tao-especial-223661>.

33 A importância do bairro de Alvalade como epicentro do movimento *punk* português é insinuante e revelou-se, essencialmente, pela quantidade e qualidade das bandas que nele tiveram origem. De todos eles, aquele que mais se destacou foram ‘Os Censurados’, uma das “bandas mais populares da década de 90 tendo conseguido granjear um vasto leque de simpatizantes dentro e fora do movimento *punk*” (Lemos, 2011). O seu vocalista, João Ribas, tornou-se numa figura de culto para os seguidores do movimento *punk*, pelo seu heterodoxo percurso anterior, nos Ku de Judas, e depois nos Tara Perdida.

34 Carvalho 2010.

35 Castells 2004.

Conclusão

As novas urbanidades vivenciadas em Alvalade parecem ser um bom exemplo de um cruzamento virtuoso entre iniciativa pública e privada e encorajamento de experiências urbanas de sentido *bottom-up* ancoradas na participação ativa e informada dos cidadãos, ilustrando como as utopias se tornam reais e transformam a cidade. Realmente, trata-se de uma iniciativa pública que continha elementos inovadores a nível do plano, da ocupação do espaço por vários estratos sociais garantidos por diferentes níveis de valor dos alugueres e flexibilidade suficiente para integrar outros elementos. Ali nasceram movimentos ligados às artes (arquitetura, literatura, cinema, música) que marcaram a cidade entre as décadas de 1950 e 80. A presença do que hoje se chamam ‘classes criativas’, bem como a forte apropriação dos espaços de convívio pela primeira geração de residentes e seus filhos foram cruciais na construção de uma espacialidade nova e na criação de um ambiente de grande vitalidade e inovação cultural e envolvimento político, todo um complexo de sociabilidades precursor das atuais utopias reais dinamizadas pelo conhecimento e pela criatividade.

Recentemente identificam-se novas dinâmicas de (re)uso de edifícios para funções ligadas a expressões artísticas que a nossa pesquisa pretende aprofundar, procurando as condições de emergência e os seus impactos na comunidade

Alvalade ilustra o conceito de utopia real na medida em que aqui se produziu espaço urbano através da mudança das relações espaço-sociais tendo por âncora o acesso à habitação por diferentes grupos das classes médias e uma forte apropriação do espaço público/ lugares de encontro.

O reconhecimento dos aspectos positivos desta experiência justifica que a Câmara Municipal de Lisboa tenha lançado recentemente um programa de habitação com rendas acessíveis para atrair jovens residentes que não conseguem suportar os custos elevados do alojamento praticados na cidade, no quadro de uma estratégia de combater o despovoamento e o envelhecimento da cidade.

Nas palavras do presidente da edilidade ³⁶, trata-se de ‘fazer novos Alvalades’ através da venda de propriedades municipais, terrenos e imóveis para reabilitar com diversas vantagens em termos de taxas e condições de pagamento, com a condição de os apartamentos se destinarem ao aluguer a valores acessíveis, entre 20 a 40% abaixo dos valores praticados no mercado livre. Não se trata de habitação social para os grupos mais desfavorecidos mas destinada aos jovens qualificados das classes médias muito afectados pela crise e pelo programa de ajustamento posteriormente imposto a Portugal.

Outro aspecto importante, este partindo da iniciativa privada, é a notícia veiculada recentemente nos jornais de que investidores estrangeiros procuram prédios em Alvalade para reabilitar – no caso, os que acolhiam as antigas habitações sociais -, destinando-os a residências de estudantes, atendendo à proximidade da universidade e a transportes públicos e à importância crescente dos estudantes estrangeiros na cidade.

A presença de estudantes e de jovens qualificados poderá potenciar o rejuvenescimento do bairro e a sua animação cultural. Pensamos que, tal como noutros exemplos da bibliografia, os artistas e a expressão artística são especialmente importantes na transformação, socialmente

36 Fernando Medina, 5 de abril de 2016.

inovadora, da cidade na medida em que inspiram novas soluções, ajudam a ligar o que aparentemente estava antes desligado (e.g. o trabalho de um velho marceneiro e a atividade de jovem escultor). Também porque ajudam a (re)criar identidades introduzindo valores e marcas simbólicas agregadoras.

Os lugares de encontro continuam a ser cruciais nesses processos, para fazer despontar e desenvolver novas utopias urbanas, mesmo na era da telecomunicação, na medida em que a presença física *face to face* permite uma comunicação mais densa, mais variada e mais profunda. Possibilita um debate mais rico, com interjeições, interrupções e silêncios. São espaços de pertença que motivam a ação ancorada nos laços de vizinhança e nas relações de proximidade, contribuindo para a criação de novas urbanidades.

Bibliografia

AA.VV. *Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1987.

ANDRÉ, Isabel; HENRIQUES, Eduardo Brito; MALHEIROS, Jorge. Inclusive places, arts and socially creative milieux. Social innovation and territorial development,. *Social Innovation and Territorial Development*, Aldershot: Ashgate Publishing, 2009, p. 149-166.

ANDRÉ, Isabel; MALHEIROS, Jorge; CARMO, André The rythm of arts in the socially creative city. *Pour une nouvelle mondialisation: le défi d'innover*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2013, p. 191-207.

BASSAND, Michel. Les espaces publics en mouvements. *Villes en Parallele* (32, 33 et 34), Paris: Université Paris X – Nanterre; Laboratoire de Géographie Urbaine, 2001, p. 36-44.

BORJA, Jordi, et al. *La ciudad conquistada*. Madrid: Alianza, 2003.

CAPEL, Horacio. El debate sobre la construcción de la ciudad y el modelo Barcelona. *Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, 2007, vol. XI, nº 233. <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-233.htm>. [28 de fevereiro de 2016]

CAPEL, Horacio. La rehabilitación y el uso del patrimonio histórico industrial. *Documents d'analisi geografica*, 1996, 29, p. 19-50.

CAPEL, Horacio. Urbanización generalizada, derecho a la ciudad y derecho para la ciudad. *Scripta Nova: revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, 2010, vol. XIV, nº 331 (7). <http://www.ub.edu/geocrit/sn/sn-331/sn-331-7.htm>. [26 de fevereiro de 2016]

CARMO, André. *Cidade & cidadania (através da arte): o teatro do oprimido na região metropolitana de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana, Universidade de Lisboa, 2014.

CARR, Stephen. *Public space*. New York: Cambridge University Press, 1992.

CARVALHO, Mário. *A arte de morrer longe*. Lisboa: Ed. Caminho, 2010.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia Internet–Reflexões sobre Internet, negócios e Sociedade*.

Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

COSTA, João. *Bairro de Alvalade. Um paradigma do urbanismo português*. Lisboa: Livros Horizonte, 2002.

ESTEVENS, Ana. *As expressões geográficas do conflito urbano: os casos do Raval (Barcelona) e da Mouraria (Lisboa)*. Dissertação de Doutoramento em Geografia Humana, Universidade de Lisboa, 2014.

FELIPE, Daniel. *Pátria, lugar de exílio*. Lisboa: Editorial Presença, 1974.

FERRÃO, João. A Cidade como Agitação Social: Pedido de Ajuda de um Geógrafo aos Colegas das Ciências Sociais. *Cidades: Comunidades e Territórios*, 2004, nº 8, p. 111-117.

HARVEY, D. *Spaces of hope*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.

HARVEY, David. *Rebel cities: From the right to the city to the urban revolution*. London: Verso Books, 2012.

HENRI, Lefebvre. *La révolution urbaine*. Paris: Gallimard, 1970.

JEANOTTE, M. Sharon; STANLEY, Dick. Keynote Address: How Will We Live Together? *Canadian Journal of Communication*, 2002, 27.2. <http://www.cjc-online.ca/index.php/journal/article/view/1288/1308>. [2 de julho de 2012]

KELLENBERGER, Sonja. L'image de la ville dans les interventions d'artistes engagés dans les mouvements sociaux. *Culture & Musées*, 2008, 12.1, p. 65-88.

LEMONS, Paulo Bettencourt. *A Importância do Punk em Portugal*. 2011. PhD Thesis. Universidade de Coimbra.

LEY, David. Artists, aestheticisation and the field of gentrification. *Urban Studies*, 2003, 40(12), p. 2527-2544.

MACHADO, Aquilino; ANDRÉ, Isabel. O espaço público do Marais-Paris. Lisboa: *Finisterra*, 2012, 47(94), p. 119-136.

MARCUSE, Peter. From critical urban theory to the right to the city. *City*, 2009, 13. 2-3, p. 185-197.

MILES, Malcolm. *Art, space and the city: public art and urban futures*. Brighton: Psychology Press, 1997.

MOULAERT, Frank; DEMUYNCK, Hilde; NUSSBAUMER, Jacques. Urban renaissance: from physical beautification to social empowerment: Lessons from Bruges—Cultural Capital of Europe 2002. *City*, 2004, 8.2, p. 229-235.

RUBY, Christian. L'art public dans la ville. *EspacesTemps.net*, 2002. <http://www.espacestemp.net /articles/art-public-dans-la-ville/>. [2 de março de 2011].

SALGUEIRO, Teresa Barata. Cidade pós-moderna: espaço fragmentado. *Revista Território*, 1998, 3, p. 39-53.

SALGUEIRO, Teresa Barata. Novas formas de comércio. *Finisterra*, 1989, 24(48), p. 151-217.

SMIERS, Joost. *Arts under pressure: Protecting cultural diversity in the age of globalisation*. London: Zed Books, 2003.

TOUSSAINT, Michel. *Guia de Arquitectura Lisboa 94*. Lisboa: Associação dos Arquitectos Portugueses, 1994.

VAHTRAPUU, Aili. Le rôle des artistes dans la revitalisation des espaces urbains en déclin: pour une approche sensorielle de la ville. *Territoire en mouvement Revue de géographie et aménagement. Territory in movement Journal of geography and planning*, 2013, n° 17-18, p. 103-116.

WRIGHT, Erik Olin. *Envisioning real utopias*. London: Verso, 2010.